

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

A expectativa de safra de feijão para o Brasil no ciclo 2024/25 é de aumento na produção, passando de 3,26 para 3,28 milhões de toneladas, segundo dados iniciais da Conab. Para isso, se considerou um aumento de 1,2% na área destinada às três safras de feijão agregadas, passando de 2,857 para 2,891 milhões de hectares. Destaca-se neste sentido o papel do Paraná, com um aumento superior a 23 mil hectares na 1ª safra, segundo os dados deste Deral. Este ganho representa mais de metade de todo incremento de área esperado para a 1ª safra do produto no Brasil. Por outro lado, a Conab espera uma redução de área na segunda safra, da ordem de 1,4%. Apesar de não haver dados discriminados por estados para demonstrar onde estes recuos devem acontecer, textualmente é apontado pela Conab que o Paraná também deve influenciar nesta redução.

Apesar do nosso Departamento compartilhar desta visão, é imprescindível que se diga que o plantio da segunda safra, que acontece majoritariamente no primeiro trimestre de 2025, pode ser fortemente influenciado pelos desdobramentos da primeira safra, que já está 16% plantada e

deve ser colhida em grande parte até janeiro de 2025. Em um primeiro momento, as chuvas registradas nesta semana são favoráveis e reforçam a expectativa de um volume de 251 mil toneladas. Por outro lado, serão necessárias outras chuvas como estas para que se garanta este potencial, o que pode ser mais difícil de acontecer tendo em vista a formação do La Niña.

Finalmente, em relação aos preços foram identificadas novas altas, com os atacadistas oferecendo valores de R\$ 320,99, em média, pela saca de feijão preto, 10% superior ao praticado no final de agosto. O feijão carioca valorizou 6% neste período chegando a R\$ 198,62. Estes preços mais altos, especialmente o do feijão preto, podem estimular uma revisão da intenção de plantio de feijão para patamares ainda maiores do que os 131 mil hectares projetados em agosto.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Com as chuvas ocorridas no último final de semana, foi possível observar um avanço, apesar de ainda tímido, no plantio da soja. Foram plantados, até o momento, pouco mais de 30 mil hectares, que representa 0,52% da área a ser plantada,

Boletim Semanal 38/2024 – 19 de setembro de 2024

estimada em 5,8 milhões. Com a umidade do solo recomposta e o fim do vazio sanitário em todo Estado, que acontece nesta semana, espera-se que no próximo relatório semanal do Deral tenha um salto grande no plantio.

No cenário internacional, o reporte do USDA informou que a colheita da soja do segundo maior produtor mundial da oleaginosa, os EUA, avançou e já chegou a 6% da área estimada de quase 35 milhões de hectares. A produção está estimada em 124 milhões de toneladas. Com a entrada da soja americana no mercado, finaliza-se o período de entressafra e há uma tendência maior de pressão sobre os preços da commodity.

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

De acordo com dados divulgados pela Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), 98,71% da população suína cadastrada teve suas informações atualizadas durante a mais recente campanha de atualização de rebanho, realizada de 1º de maio a 30 de junho de 2024. O cadastro atualizado junto à Adapar é uma exigência obrigatória para todos os produtores de bovinos, búfalos, suínos,

ovinos, caprinos, equídeos, aves, peixes e outros animais aquáticos, assim como para apicultores, conforme estabelecido pela Portaria 113/2021 da Adapar, independentemente da finalidade da criação, mesmo que esta seja apenas para subsistência.

O principal objetivo da atualização é assegurar que o serviço veterinário oficial disponha de informações precisas sobre a quantidade e a localização dos animais de produção de cada propriedade. Esse controle é essencial para uma resposta ágil em casos de focos ou suspeitas de doenças de notificação obrigatória, possibilitando a avaliação clínica dos animais em todas as propriedades vizinhas ao foco e evitando a disseminação de doenças infecciosas.

No setor de suinocultura, a precisão nos registros e a capacidade de resposta rápida em casos de surtos são fundamentais para manutenção dos reconhecimentos internacionais do Paraná de livre de febre aftosa sem vacinação e de livre de peste suína clássica. Além disso, os registros são cruciais para a atuação em situações de suspeita de doenças que não estão presentes no Brasil, mas que podem resultar em alta mortalidade de suínos e impor barreiras comerciais à exportação da carne suína brasileira. Exemplos dessas doenças

Boletim Semanal 38/2024 – 19 de setembro de 2024

incluem a peste suína africana (PSA), a síndrome respiratória e reprodutiva dos suínos (PRRS) e a diarreia epidêmica suína (PED).

Para alcançar 100% de cadastros atualizados no Paraná, os criadores de suínos que não atualizaram suas informações de rebanho durante a campanha, ou que não possuem cadastro na Adapar, devem procurar imediatamente o Escritório Local da Adapar mais próximo para regularização.

BOVINOS

** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

O mercado do boi gordo segue em alta, cotado a R\$ 257,05 a arroba no momento da elaboração deste boletim (Cepea), e já acumula 7,22% de alta no mês. O tempo seco vem contribuindo para diminuir a oferta de animais terminados, impulsionando os preços. No Paraná, as regiões de maior expressão na produção de gado de corte se encontram na mesma situação, com pastagens já combalidas pelo período de inverno que ainda não puderam se recuperar devido à baixa incidência de chuvas nas últimas semanas.

No atacado paranaense o dianteiro e traseiro bovinos também seguem

encarecendo. Após fecharem agosto comercializados em média a R\$ 13,93 e R\$ 21,10, respectivamente (1,53% e 2,25% de alta em comparação ao mês anterior), a última pesquisa realizada pelo Deral, entre os dias 09 e 13 de setembro, evidenciou nova alta, com o dianteiro atingindo R\$ 14,03 e o traseiro R\$ 21,27.

FRANGO

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, considerando os sete meses de 2024, as exportações brasileiras de carne de frango diminuíram 8,1% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 5,434 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2023 (US\$ 5,915 bilhões). Entretanto, em termos de quantidade exportada houve uma ligeira retração de -0,2% (2024: 2.980.013 toneladas e 2023: 2.984.376 toneladas). No período analisado, o país exportou 97,6% de carne de frango na forma “in natura” - inteiros e cortes, e apenas 2,4%, na forma de industrializados (71.988 toneladas).

Observou-se uma retração de -0,3% no volume de carne de frango “in natura” exportada: 2024 (2.908.024 toneladas) e 2023 (2.916.399 toneladas). Do lado do faturamento do produto “in natura”, houve

Boletim Semanal 38/2024 – 19 de setembro de 2024

uma queda de 8,6% no acumulado dos sete meses do ano em curso (2024: US\$ 5,199 bilhões e 2023: US\$ 5.688 bilhões). O menor faturamento foi resultado de menos volume exportado (-0,3%) e queda de 8,3% no preço médio da carne de frango “in natura” exportado (2024: US\$ 1.787,91/tonelada e 2023: US\$ 1.950,45/tonelada).

Os principais destinos da carne de frango brasileiro em 2024 (jan. a jul.) foram (volume / faturamento): 1º - China (337.125 toneladas e US\$ 745,445 milhões), 2º - Emirados Árabes Unidos (278.875 toneladas e US\$ 562,221 milhões), 3º - Japão (261.548 toneladas e US\$ 503,004 milhões), 4º - Arábia Saudita (232.364 toneladas e US\$ 490,714 milhões), e 5º – África do Sul (196.226 toneladas e US\$ 107,031 milhões). O desempenho dos principais países importadores foi (toneladas): China (-23,6%); Emirados Árabes (+ 13,2%), Japão (+1,7%), Arábia Saudita (+ 11,1%), e, África do Sul (- 8,9%).

No Paraná, ocorreu uma retração tanto no volume exportado total (-0,3%), como no faturamento (-2,3%). Nos sete meses os números foram: 2024 (volume: 1.264.785 toneladas / faturamento: US\$ 2,277 bilhão) e 2023 (volume:

1.268.468 toneladas/ faturamento: US\$ 2,331 bilhão).

Para a carne de frango “in natura” paranaense, observa-se uma queda no preço médio exportado, da ordem de 2,3% (2024: US\$ 1.768,19/tonelada e 2023: US\$ 1.809,15/tonelada). O Paraná (1º produtor e 1º exportador), nos primeiros sete meses de 2024, continua destacando-se no contexto nacional, com participação de 42,4% do volume exportado pelo Brasil e com 41,9% da receita cambial (US\$).

Os outros dois principais produtores e exportadores têm a seguinte participação (volume e faturamento): Santa Catarina (22,4% e 23,5%) e Rio Grande do Sul (13,9% e 13,5%).

MEL

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo a Agrostat Brasil, nos primeiros sete meses de 2024, as empresas brasileiras exportaram 21.144 toneladas de mel “in natura”, um volume 25,7% superior ao registrado no mesmo período de 2023 (16.823 toneladas).

O faturamento em dólares foi de US\$ 54,237 milhões, 0,6% inferior ao de

Boletim Semanal 38/2024 – 19 de setembro de 2024

igual período do ano anterior (US\$ 54,550 milhões).

O preço médio nacional do mel atingiu US\$ 2.565,14 por tonelada (US\$ 2,57/kg), uma queda de 20,9% em relação ao valor médio registrado no mesmo período de 2023 (US\$ 3.242,59 por tonelada, ou US\$ 3,24/kg).

No acumulado dos sete primeiros meses de 2024, o estado do Paraná ocupou a quarta posição no ranking de exportação de mel “in natura”, com receita de US\$ 5,509 milhões, volume de 2.191 toneladas e preço médio de US\$ 2,51/kg. No mesmo período do ano anterior, o Paraná exportou 1.027 toneladas, faturando US\$ 3,108 milhões, com preço médio de US\$ 3,03/kg.

O estado do Piauí liderou as exportações de mel em 2024, com US\$ 16,289 milhões em receita, 6.589 toneladas exportadas e um preço médio de US\$ 2,47/kg. No mesmo período de 2023, o estado exportou 6.830 toneladas, faturou US\$ 22,121 milhões e registrou um preço médio de US\$ 3,24/kg.

Em segundo lugar, Minas Gerais exportou 3.898 toneladas de mel, gerando US\$ 10,395 milhões em receita, com preço médio de US\$ 2,67/kg. No ano anterior, o estado exportou 2.683 toneladas, faturou

US\$ 8,669 milhões e teve um preço médio de US\$ 3,23/kg.

Santa Catarina ficou em terceiro lugar, exportando 2.991 toneladas, com receita de US\$ 7,587 milhões e preço médio de US\$ 2,54/kg. Em 2023, o estado exportou 1.839 toneladas, faturou US\$ 5,864 milhões e registrou um preço médio de US\$ 3,19/kg.

Os Estados Unidos da América (EUA) foram o principal destino do mel brasileiro nos primeiros sete meses de 2024, recebendo 79,8% de todo o volume exportado (16.869 toneladas), gerando uma receita de US\$ 42,871 milhões, com preço médio de US\$ 2,54/kg. No ano anterior, os EUA importaram 13.027 toneladas, gastaram US\$ 41,896 milhões e pagaram um preço médio de US\$ 3,22/kg. Além dos EUA, outros importantes destinos do mel brasileiro em 2024 foram: o Canadá (US\$ 5,541 milhões, 2.098 toneladas), a Alemanha (US\$ 1,159 milhão, 1.160 t), o Reino Unido (US\$ 1,742 milhão, 715 t), a Austrália (US\$ 379.786, 161 t), a Dinamarca (US\$ 97.173, 40 t), o Japão (US\$ 135.700, 21 t), a Suíça (US\$ 53.327, 20 t), Israel (US\$ 56.232, 19,8 t), a China (US\$ 130.655, 16,4 t) e a Bélgica (US\$ 78.079, 15 t).